

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” -
UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC

Beatriz Almeida Batista

Revista Nise
Revista Customizada para a o Projeto Terapia e Arte (Tear)
(relatório de produto)

Bauru

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” -
UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC

Beatriz Almeida Batista

Revista Nise
Revista Customizada para a o Projeto Terapia e Arte (Tear)
(relatório de produto)

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Departamento de Comunicação Social da
Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação – FAAC - Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
– UNESP - Campus de Bauru, para
obtenção do grau de Bacharelado em
Comunicação Social: Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Juarez de Paula
Xavier

Bauru
2014

Beatriz Almeida Batista

Revista Nise

Revista Customizada para a o Projeto Terapia e Arte (Tear)
(relatório de produto)

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Juarez de Paula Xavier
DCSO – FAAC – Unesp, Bauru, SP

Examinadores

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Gobbi
DSCO – FAAC – Unesp, Bauru, SP

Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho
DCHU – FAAC – Unesp, Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que fez desse e de tantos outros sonhos uma realidade.

Aos meus avós, que mesmo de longe, sempre estiveram torcendo por mim.

À Vanessa, Ana e Marina que se fizeram presente a cada dia dos últimos 5 anos de minha vida, e que sempre me incentivaram a trilhar os caminhos mais felizes.

A Renata e Flávia, pelas mais sinceras risadas do último ano.

Ao Guillaume, por estar presente quando ninguém pode estar.

À Melissa, por sempre ter boas respostas.

À Sandra, Helena, Marina e Denise pela colaboração.

Ao Milton Freire, pelo depoimento inspirador.

Ao Heitor por saber ouvir e pela cooperação.

À Paula, por sua doçura em fazer o bem sempre.

Ao Professor Juarez, por ter levado um jornalismo mais crítico a mim e a todos os alunos do curso de jornalismo da UNESP.

Ao Gabriel García Márquez, pelos Doze Contos Peregrinos, que me inspiraram no exercício deste trabalho.

Antes de pensar na doença, é preciso pensar no homem que a tem.

RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é divulgar experiências bem sucedidas no campo de atenção psicossocial através de uma revista customizada desenvolvida para o Projeto Tear “Terapia e Arte”, da cidade de Guarulhos, segunda cidade mais populosa do estado de São Paulo. Mais do que levar credibilidade e, consequentemente, visibilidade às práticas desenvolvidas por eles, o produto tem a intenção de colocar em reflexão a questão da inclusão social pelo trabalho e pela arte, as principais atividades do organismo, e explanar a respeito dos avanços das diretrizes da Reforma Psiquiátrica às quais o Projeto Tear está alinhado. Por meio de entrevistas, pesquisas e vivência in loco, buscou-se por em prática as técnicas jornalísticas aprendidas ao longo do curso de graduação e levar ao leitor série de reportagens de forma clara e diversificada, que contribuam para a propagação do tema e para o exercício de um jornalismo com compromisso ético e cidadão.

Palavras-chave: Projeto Tear; reabilitação psicossocial; Cooperativismo Social; Reforma Psiquiátrica; revista; comunicação cidadã;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	9
3. JUSTIFICATIVA	10
4. METODOLOGIA.....	13
5. PRODUTO JORNALÍSTICO.....	16
5.1 Concepção	16
5.2 Desenvolvimento	17
5.2.1 Título	18
5.2.2 Plano editorial.....	19
5.2.3 Público Alvo	20
5.2.4 Fontes e entrevistados.....	20
5.3 Finalização.....	20
5.3.1 Projeto Gráfico Editorial	21
5.3.2 Capa	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1. INTRODUÇÃO

A função básica do jornalismo, embora existam inúmeros desdobramentos que o consideram uma ferramenta ao invés de uma atividade, sempre esteve ligada a fatores sociais. Como explica Francisco Assis Fernandes, o próprio ato de comunicar, sem si é um acontecimento social com raízes em uma ação solidária.

A comunicação é em sua essência um acontecimento social. É através dela que a vida em sociedade se viabiliza, que o indivíduo faz parte do coletivo, que a vida pode ser vivida em plenitude, solidária e não solitária. Na própria origem da palavra – no latim “communicativo” – comunicação aponta para uma ação solidária, significa o “tornar comum”, ou “repartir”, ou “compartilhar”; tem o sentido de “comunhão”, ou seja, comer juntos a mesma coisa que passa a fazer parte do próprio ser das pessoas, que une as pessoas que comungam: emissor e receptor. (FERNANDES, 2001, p. 11).

A comunicação deve visar o bem comum, divulgar práticas verdadeiramente solidárias e estimular ações que teor benéfico à sociedade, seja por meio de uma informação vital ou pela divulgação de mecanismos que possam contribuir para o exercício e o aproveitamento da cidadania no ser humano.

O jornalista, por sua vez, tem a tarefa de reconhecer estes acontecimentos ou temas importantes e atribuir-lhes sentido através de recursos de comunicação. É neste contexto de comunicação ética e cidadã que surge a ideia da Revista Nise, em uma tentativa de aplicar os conhecimentos adquiridos durante a graduação em função do jornalismo e de sua capacidade de dialogar e contribuir com diferentes populações.

Ao mesmo tempo, buscou-se amenizar a lacuna deixada pelo jornalismo diário no que diz respeito a abranger notícias relacionadas às melhorias de condição de vida

para pessoas com algum tipo de transtorno psíquico. O jornalismo diário, ao selecionar critérios de noticiabilidade, é capaz de delimitar espaço para a temática da saúde mental. Porém, observa-se a quase ausência de conteúdo não apenas factual, mas interpretativo, que permita ao leitor interpretações diversas da problemática que envolve esse público.

Partindo da articulação desses princípios e da motivação pessoal da autora, foi construída uma revista customizada para uma iniciativa de inclusão social pelo trabalho no âmbito da saúde mental, o Projeto Tear.

O Projeto Tear é uma iniciativa pública de geração e renda e trabalho e inclusão social de pessoas com transtornos mentais fundada em 2003, a partir do investimento do poder público, terceiro setor e do setor privado. Alinhado às diretrizes da Reforma Psiquiátrica Brasileira, desde seu surgimento o Projeto Tear trabalha a questão da inclusão social por meio do trabalho, da arte e da convivência, tendo favorecido a reabilitação psicossocial de mais de 700 pessoas desde seu surgimento.

A revista foi pautada e desenvolvida com base nos valores que norteiam a existência do Tear, porém com uma abordagem não publicitária, e sim, jornalística, objetivando conquistar o interesse dos leitores através da diversidade de conteúdo, de um ritmo de leitura agradável e finalmente, agregando maior credibilidade à instituição e contribuindo para a mudança do paradigma do doente mental através da propagação dos valores do Projeto Tear, cuja relevância habita não somente entre seus protagonistas, mas entre profissionais, estudantes e, principalmente seus familiares e a comunidade como um todo, de certa forma ainda despreparada para lidar com a questão aceita-los como um componente da sociedade, e que como tal, deve desfrutar de seus direitos de cidadão.

2. OBJETIVOS

Partindo da observação e coleta de depoimentos que delimitam os valores contidos no Projeto Tear, o objetivo da Revista Nise é pautar, reportar e divulgar ações realizadas pelo Projeto Tear e por outras iniciativas no âmbito da inclusão social de pessoas com transtornos psíquicos. Além disso, a Revista pretende fornecer ao leitor informações sobre as atuais políticas públicas que protegem esses benefícios, e assim

ampliar não apenas a credibilidade do Projeto Tear em seu eixo de atuação, mas informar a população a respeito de da capacidade criativa e produtiva de pessoas em estado de sofrimento psíquico, que através de um estigma criado pelo senso comum, são vistas sob o olhar do preconceito e ainda têm dificuldades em serem aceitas como parte do tecido que compõe a sociedade.

3. JUSTIFICATIVA

Os direitos humanos representam um processo construído socialmente baseados no ideal de participação de toda pessoa na vida em sociedade. Contudo, alguns grupos da população possuem mais dificuldades para exercitar os seus direitos. Os portadores de transtornos mentais constituem um grupo vulnerável e violações aos seus direitos humanos e liberdades básicas, bem como a negação dos seus direitos civis, políticos, sociais e culturais são uma ocorrência comum em todo o mundo, tanto dentro de instituições manicomiais como em cenários cotidianos.

Segundo Foucault (1994), historicamente, portadores de doenças mentais são considerados desviantes. A afirmação do autor serve de parâmetro de ilustração aos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), que indicam que pessoas com transtornos mentais são estigmatizadas e estão entre as populações mais marginalizadas da maioria dos países.

Nesse contexto, observa-se que o exercício de direitos não é homogêneo para todas as pessoas, apesar de a Declaração Universal dos Direitos Humanos, considerada um marco para a proteção dos direitos humanos, dispor em seu artigo 2º que “toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”. (VENTURA, 2003, p.12)

Incapacitado de exercer o que lhe é direito, o portador de distúrbios mentais é conseqüentemente afastado de sua instância cultural. No caso do trabalho, a ausência de

legislações que garantam sua participação com uma construção social estereotipada e generalista que o associa com frequência à violência e ao descontrole.

Nesse sentido, o jornalismo diário exerce influência sobre essa representação do doente mental no imaginário coletivo. O jornalista, através de um discurso que procura reproduzir a realidade, expõe, na verdade, uma *construção social* baseada em diferentes critérios históricos, sociais e ideológicos. Dessa forma, contribui com a perpetuação de estereótipos, que VIZEU (2004), citando FERRÉS (1998), define através da teoria de Representação Social.

Estereótipos são representações sociais, institucionalizadas, reiteradas e reducionistas. Trata-se de representações porque pressupõem uma visão compartilhada que um coletivo possui sobre o outro. Reiteradas porque criadas com base numa repetição. A base de rigidez e de reiteração, os estereótipos acabam parecendo naturais; a sua finalidade é, na realidade, que não pareçam formas de discurso e sim formas de realidade. Finalmente, são reducionistas porque transformam uma realidade complexa em algo simples (VIZEU, 2004, p.10)

Mesmo em publicações especializadas, quando o assunto é tratado, dificilmente são divulgadas situações em que a pessoa acometida com doença mental protagoniza algo positivo, e, normalmente, o destaque é dado o àqueles que se ocupam de manter sua sanidade – médicos. Igualmente difícil é encontrar matérias em que o doente mental é responsável por expressar sua opinião ou depor sobre sua experiência.

A ideia segue o que Foucault descreve como minoridade atribuída ao doente. Se é verdade que a loucura ou doença mental deixou de ser vista como um estado de animalidade, certo é, porém, que passou a ser entendida, como nota o autor, como um estado de menoridade. Sob este prisma, os doentes são tratados como crianças, que não têm direito à autonomia individual. (Foucault, 1988 p.78-120)

A partir do momento que a família, o doutor ou o “cuidador” fala por ele, ele perde sua posição no espaço. O jornalismo, ao refletir o cotidiano, também lhe nega o direito à fala. Assim, sua condição de incapaz é reatada através do discurso e aumenta-se a lacuna deixada pela falta de publicações que demonstrem sua capacidade de integração e o reconheçam enquanto *sujeito social*.

Da observação de uma população e da constatação de que ali reside um estigma, parte a proposta de uma publicação direcionada àqueles que convivem, direta ou indiretamente com as consequências sofridas por aqueles que o carregam. A ideia parte ainda, do fato de o Projeto Tear demonstrar amplo interesse em fortalecer sua credibilidade enquanto mecanismo de inclusão social e o desejo da autora do trabalho de auxiliá-los nesse processo. Traçadas algumas sugestões iniciais – e resguardando as limitações implicadas em um trabalho de conclusão de curso – surgiu a proposta de revista customizada. Dessa forma, o produto será também uma forma de ligação entre pessoas que convivem em um mesmo meio e possuem interesses comuns, o que ajudaria a construir uma identidade e a sensação de *pertencer* a algum grupo.

Por outro lado, a opção por um produto impresso se dá pelo fato de que o veículo propicia um aprofundamento maior em relação aos temas pautados em comparação ao chamado “imediatismo da notícia”, termo constantemente discutido entre acadêmicos da comunicação. Em defesa dessa escolha, Marília Scalzo, em seu livro “Jornalismo de Revista”, afirma que “Ainda hoje, a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas” (SCALZO, 2008, p.13).

Portanto, mais do que mostrar ações locais desenvolvidas em prol da inclusão social e da promoção à saúde de pessoas em estado de sofrimento psíquico, o meio de comunicação servirá como um ponto de apoio ao público alvo em relação a outras ações desenvolvidas em outras áreas do país, mas inseridas no mesmo contexto ideológico do Projeto Tear.

A revista elaborada para o Projeto Tear é, de fato, importante para o a visibilidade do organismo. Porém, conforme exposto, partindo desta justificativa primária, várias outras relacionadas se desenvolvem. Em suma, fortalecendo o conhecimento público sobre o trabalho realizado, pretende-se gerir prosperidade para os beneficiados e consequentemente para toda a comunidade na qual estão inseridos.

4. METODOLOGIA

O primeiro passo para elaboração de um livro, revista, reportagem ou de qualquer elemento que tenha como intenção *comunicar* é estruturar informações a partir de uma profunda imersão bibliográfica sobre o tema.

O exercício de reportagem, ao considerar a elaboração de entrevistas, a investigação do tema e definição das pautas não é possível sem fundamentação teórica, ou seja, não há jornalismo desligado de pesquisa, seja ela bibliográfica, documental, e, no caso da Revista Nise, de ambas. Nesse sentido, o exercício da função de repórter acaba alinhado, também, a função de pesquisador

uma vez que a reportagem de profundidade exige um bom trabalho de documentação, isto é, de estabelecimento de relações entre fatos isolados e situações globais, de interpretação dos significados da contemporaneidade para o leitor (LIMA, 2004, p.98).

A partir da leitura analítica do contexto social da população a qual o produto se destina, se faz possível sua compreensão, passando pela representação histórica de seus protagonistas, pelo contexto de exclusão à qual foram submetidos e a mais recente ação pública de incentivo à inclusão, a Reforma Psiquiátrica no Brasil, ainda em desenvolvimento.

Uma apurada pesquisa documental do eixo em que se insere o Projeto Tear foi fundamental para entendimento de seus princípios, e finalmente, possibilitou a elaboração de uma proposta sólida. Nesse momento, o contato a Secretaria de Saúde de Guarulhos e a colaboração da equipe da Prefeitura garantiram o embasamento necessário para documentação da situação especial em que se insere o Projeto Tear, uma vez que está vinculado à Rede de Atenção Psicossocial da cidade, mas encontra uma série de particularidades que o tornam um organismo à parte.

Com os dados históricos e a contextualização do organismo Projeto Tear em mente, foi possível partir a próxima etapa, que partia de uma pergunta cuja resposta era pouco evidente: como gerar credibilidade a um organismo que tem *parte* de suas raízes no Poder Público - sem, contudo, utilizar-se de qualquer tipo de apologia à atual gestão política que possui interferência no Projeto Tear?

Para a compreensão da resposta, foi necessária, antes, conhecer o conceito de revista que seria utilizado nessa missão. Revistas Customizadas (*custom publishing* ou “sob medida”) são publicações feitas por empresas com o intuito de criar ou reforçar laços de fidelidade junto ao seu público alvo, com o objetivo ampliado de fortalecer a imagem da empresa. Para tal, se utiliza se informação, entretenimento e publicidade de produtos e serviços baseados na segmentação de seus clientes.

As chamadas revistas customizadas são publicações de circulação direcionada, cujo objetivo principal é cativar o público externo a partir da oferta de conteúdos informativos e de entretenimento, sem apelar ostensivamente para a divulgação da marca da empresa (é preciso levar em conta que elas não podem funcionar como catálogos de venda). Na última década, têm representado um recurso importante na comunicação de empresas com seu público mais direto, fazendo uso de uma maior elaboração gráfico-visual e de matérias que também poderiam ser vislumbradas em veículos *jornalísticos* convencionais (MARQUES, 2007, p. 2, grifo da autora).

A definição se acorda com uma prática muito comum no mercado editorial, que utiliza a linguagem jornalística como mecanismo de marketing. Uma tendência que Janine Saponara teoriza como aplicável, feitas as devidas considerações, como um eficaz mecanismo para obtenção de destaque também para Organizações Não Governamentais, setor com o qual o Projeto Tear dialoga em tempo integral, uma vez que as oficinas de geração de trabalho e renda desenvolvidas por eles tem como finalidade o comércio (justo e solidário), realizado através da articulação com a Associação Inclui Mais (ONG).

Mais do que nunca, comunicação pode ser chave para o sucesso, ou não, de uma iniciativa. Ninguém investe, promove ou apóia o que não conhece, o que nunca ouviu falar, o que não tem referência ou indicação. Pessoas e empresas só se mobilizam em torno do que conhecem e confiam, em torno do que tem credibilidade (SAPONARA, 2005, p.10).

Em uma revista customizada, portanto, tão importante sobre o *que* se escreve é *como* se escreve, desde que o objetivo central esteja em colaborar com o fortalecimento da imagem daquele que emite a mensagem. Voltando à questão anterior, o planejamento

da revista Nise valeu-se da abordagem estritamente jornalística como solução plausível, sem eliminar, no entanto, algumas técnicas do campo do marketing editorial que possam garantir a maior propagação dos valores do Projeto Tear. Assim, foi estabelecido o desafio de propor uma abordagem jornalística, mas com foco na informação real, que se acorde com os valores do Projeto, sem a utilização, porém, de um “jornalismo publicitário”, baseado unicamente autopromoção do serviço.

5 - PRODUTO JORNALÍSTICO

5.1 Concepção

Minha aproximação com tema teve início com uma pesquisa a respeito do uso da arte, e mais precisamente, do artesanato, como forma de inclusão social de populações em estado de vulnerabilidade, inicialmente, mulheres moradoras de regiões periféricas da cidade de São Paulo. Tal pesquisa teve início em fevereiro de 2013, quando, na ocasião, foram dados os primeiros passos na descoberta do que eram cooperativas sociais e de seu funcionamento. O primeiro contato com a equipe do Projeto Tear se deu em abril de 2013, quando, por intermédio do coletivo sem fins lucrativos Design Possível, fui convidada a visitar o Projeto, para, como há já fazia há alguns meses, coletar dados referentes à inclusão social pelo trabalho e arte e articula-los em forma de textos comparativos.

Na ocasião, fui recebida pela funcionária responsável pela cozinha e serviços gerais, Dona Vera Muniz, que me explicou as diretrizes básicas para compreensão de como funcionava o Projeto Tear. Imersa em uma série de pesquisas menos segmentadas sobre o tema, naquele momento, meu olhar sobre o Tear não considerava as diversas abordagens sobre a loucura e nem mesmo o processo da Reforma Psiquiátrica que fariam parte de meu cotidiano nos dias que se seguiriam. Sobre estes temas, já tinha conhecimentos vagos, mas, certamente, insuficientes para imersão direta naquele núcleo. Foi então que percebi, diante da minha dificuldade em colocar perguntas quantitativas e objetivas aos gestores do Projeto Tear, que o

foco naquele lugar, era, antes mesmo ferramentas artística, do trabalho, e do comércio, *o ser humano*.

No mesmo dia, dei início à pesquisas referentes à inclusão social de pessoas com transtornos psíquicos, e pude entender o quanto a realidade universitária se encontra afastada daquela vivenciada pelos participantes do Tear. Ao mesmo tempo, refletia se o que acontecia não era justamente o contrário: aquela realidade, em sua complexidade, teria sido condenada ao isolamento através de um processo histórico que as leituras me podiam informar.

Aproveitando de recursos tecnológicos e da fluidez da informação, passei a buscar contatos em redes. Amigos de amigos, estudantes e professores das áreas de psicologia e medicina, que em todo o processo me auxiliaram na compreensão do tema da “loucura” e suas diferentes acepções sociais. Em particular, o apoio da psicóloga Melissa de Oliveira, que me auxiliou em todo o processo editorial como conselheira e especialista no tema, foi nitidamente importante para que os primeiros contornos da revista saíssem de seu estado teórico.

Finalmente, com uma ideia ainda maleável de produto jornalístico, nascida das justificativas anteriormente expressas, regressei ao Tear a fim de orientar-me se, de fato, uma revista customizada seria um produto interessante para suprir a demanda de comunicação que eles alegavam possuir. Em uma terceira visita, em que foi agendada uma reunião com os gestores do projeto foi apresentada a proposta e dado início à definição da linha editorial.

A revista tem como princípio o fato de que o preconceito e a ausência de perspectiva para esse público são alimentados pela falta de informações positivas nesse campo. Pensando nisso - e resguardadas as devidas limitações de um projeto experimental de conclusão de curso – a intenção da revista era, antes mesmo de divulgar o Projeto, trabalhar um outro objetivo que eles colocaram como primário: fixar um ponto de reflexão sobre os benefícios que o trabalho, a arte a convivência podem trazer ao ser humano, principalmente àquela a qual esses direitos lhe foram, historicamente, negados.

5.2 Desenvolvimento

Uma vez acatada pelo Projeto Tear a ideia da revista, procurei articular, durante todo seu desenvolvimento, elementos importantes que a equipe encontrava necessidade de destacar em meio aos elementos utilizados diariamente no trabalho desenvolvido.

Para definição da linha editorial da revista, assim como seu título e conteúdo, foram necessárias duas reuniões com a equipe gestora do projeto. Na primeira delas, me foi apresentado o galpão do Projeto Tear e contada a história de seus setores, assim como a loja, e, não menos importante, a dinâmica de trabalho entre gestores, funcionários e participantes das oficinas. No mesmo dia, integrei algumas oficinas, a fim de experimentá-las e dialogar com os artesãos do Projeto Tear. Para finalizar, me foi apresentado um vídeo comemorativo, produzido com incentivo financeiro da Pfizer, que seria exibido no Seminário Comemorativo que marcou os 10 anos de existência do Projeto, cumpridos em setembro de 2013. No vídeo, participantes respondiam, em poucas palavras, como o Tear havia mudado suas vidas. A sinceridade evidente nos depoimentos, que afirmavam mudanças significativas quando ao humor, autoestima e contratualidade social, foi definitiva para que eu reafirmasse a relevância social do Projeto que havia escolhido como tema para meu Projeto Experimental.

Durante a segunda reunião para definição da linha temática, solicitei aos gestores que escrevessem, em uma folha de papel, os principais valores sociais desenvolvidos pelo Projeto que eles gostariam de destacar enquanto integrantes das atividades diárias do serviço. Em outra folha, pedi a eles que elencassem alguns temas aos quais gostariam de ver seu trabalho associado, em uma publicação. Também pedi a eles que convidassem um dos usuários do serviço como representante das oficinas para participar da reunião e opinar sobre os resultados.

Dessa espécie de “brainstorm”, foram selecionados os resultados mais frequentes citados pelos cinco membros da equipe gestora e ressaltados por Samuel Casemiro, o representante dos usuários. Dos escritos naquela primeira folha de papel, pude constatar a repetição dos seguintes termos: inclusão,

cooperação, solidariedade, arte, criatividade, diversidade, sustentabilidade e comércio justo e solidário. Considerando que era essa a visão da equipe sobre o trabalho que desenvolvem, e após a confirmação de Samuel, pude retirar, dali, os valores que permearam toda a elaboração textual da revista, desde o nome das editorias ao conteúdo das mesmas. Quanto à segunda folha de papel, os termos foram mais genéricos, porém, todos se encaminhavam a uma temática comum: a Reforma Psiquiátrica de alternativas de atenção psicossocial.

A partir desses conceitos seriam elaboradas as pautas de matérias externas, para articulação, dentro da revista, junto a um texto-reportagem que descreveria a atividade do Projeto.

5.2.1 Título

O nome “Nise” foi escolhido pelo conselho editorial, formado por mim e pela equipe gestora do Tear por fazer referência à precursora na humanização da saúde mental, que, mesmo sem saber, daria origem a um movimento político e à novos formatos de promoção à saúde mental centrados no ser humano, e não na doença. Como os valores do Tear possuem as mesmas bases, já que se inserem em um contexto pós-reforma psiquiátrica, o nome lhes pareceu adequado.

A sonoridade e o fato de ser uma palavra única favorecem, ainda, a assimilação do leitor com o produto. Além disso, a utilização de um nome feminino leva um caráter mais humanizado à publicação, auxiliando assim, o fortalecimento de vínculos entre o leitor e a revista.

5.2.1 Plano editorial

Através do exercício de compreensão e da auto identificação dos componentes do grupo com relação aos seus valores – exercício das folhas de papel preenchidas - foram criadas as seguintes editorias:

- a) Saiba +: Editoria destinada à contar histórias, sobretudo sob a forma de biografia, de personalidades importantes dentro do contexto de promoção à saúde mental, seja por contribuição científica ou artística. Na edição

piloto foi apresentada a história da mulher que lhe dá nome, Nise da Silveira.

- b) + Política: Editoria destinada à exposição dos avanços e ao paradigma das políticas públicas no setor. Justifica-se pela relevância do assunto para o público alvo e busca enfoque na região de atuação do Projeto Tear (Guarulhos).
- c) + Ação: Editoria na qual se encontram matérias sobre a atuação pontual diversificada de movimentos populares, terceiro setor ou setor privado compatíveis com a linha editorial da revista.
- d) Inclui + : Editoria mais próxima ao Tear, leva o nome da ONG que o integra e configura um espaço para publicações relacionadas à experiências de Inclusão Social de pessoas em estado de sofrimento psíquico.
- e) Coopera + : Editoria responsável por trazer informações referentes à temática do Cooperativismo Social na área de Saúde Mental.
- f) Expressa + : Editoria responsável por reportar experiências em bem sucedidas no campo da saúde mental relacionadas à expressividade de seus protagonistas através das variadas formas de comunicação existentes.
- g) Humaniza + : Editoria relacionada a investigação e reportagem do que diz respeito à humanização do modelo de atenção hospitalar e de práticas terapêuticas inovadoras.
- h) + Cultura: Editoria mais “leve” da revista, sua existência gira em torno do eixo diversidade. Destina-se à sugestões culturais diversas, entre cinema, música, literatura e lazer.

Conforme já exposto, tanto o nome quanto o conteúdo das editorias está relacionado à valores postulados nos termos escolhidos pelo Projeto Tear. Além disso, o uso do símbolo (+) nas denominações carrega duas simbologias. Em um primeiro momento, faz referência à Associação Inclui Mais, a ONG que trabalha em cooperação com o Tear para apoiar e possibilitar suas atividades enquanto empreendimento solidário. Por outro lado, traz consigo a simbologia da positividade, em mais uma analogia à

negação do estigma da improdutividade, violência, isolamento, intolerância e incapacidade que residem no impacto negativo que o transtorno psíquico representa junto à sociedade.

Na ocasião em que foram apresentadas as editoriais ficou definido, também, que a Revista Nise seria um veículo desenvolvido para o Projeto Tear, porém, teria liberdade certa editorial para tratar de temas interessantes a seu público alvo, desde que relacionados àqueles preceitos definidos anteriormente junto à equipe, seja pertinente a temas de inclusão social e promoção à saúde mental e, principalmente, se o assunto for relevante ao seu público alvo.

5.2.2 Público Alvo

Todos que se interessam pelo tema, em especial pessoas em estado de sofrimento psíquico, familiares e funcionários do sistema de saúde mental, além de militantes e estudantes simpatizantes da causa.

5.2.3 Fontes e Entrevistados

Durante todo o processo de apuração e redação buscou-se não centrar o protagonismo em especialistas da área da saúde, alinhando-se assim à um dos pensamentos trazidos pela Reforma Psiquiátrica, e possibilitando, também, um canal de expressões multifacetadas, no qual a pessoa acometida com algum tipo de distúrbio mental também terá oportunidade para se expressar suas opiniões e participação junto às iniciativas reportadas.

Foram entrevistadas, além das fontes utilizadas, dezenas de outras fontes como pré-entrevistas, destinadas a suprimir dúvidas e fomentar o a bagagem de informações necessária para dar início à redação. Entre elas, figuram estudantes, militantes de movimentos sociais atrelados à causa Anti Manicomial, professores universitários e pessoas egressas de manicômios.

A ideia era, através da coleta de depoimentos dessas pessoas, acumular bagagem para o desenvolvimento de reportagens, e ainda delimitar a linguagem a ser utilizada, sobretudo no que diz respeito a terminologia

para o tratamento de pessoas em estado de sofrimento psíquico. A apuração e abordagens iniciais fizeram possível, ainda, a definição da terminologia a ser utilizada,, uma vez que existem regras em diversos manuais de redação jornalísticos a respeito da forma de referência a população em estado de sofrimento psíquico. Esse último termo, como pude observar, é um dos mais utilizados ente os entrevistados para fazer referência ao público portador de distúrbios mentais, e foi acatado, dado o cuidado para evitar sua repetição excessiva, em diferentes momentos da revista, assim como seu correlato e muito usual na área de saúde como referência àqueles que fazem algum tipo de tratamento, “usuários do sistema de atenção à saúde mental”.

O termo loucura, por sua vez, foi descrito pelos entrevistados com uma expressão poética e muito utilizada em manifestações artísticas por diferentes escritores, teatrólogos, pintores e terapeutas. O uso do termo em associação a elementos positivos e de promoção à saúde tem como objetivo desvincula-lo do caráter pejorativo que lhe é frequentemente associado.

Apesar dos eventuais percalços de estar realizando a redação e edição do conteúdo de outro país, pude sanar a necessidade de manter contato com algumas fontes via e-mail e telefone e, na maioria dos casos, obtive a compreensão e colaboração de todos os envolvidos.

A maioria das entrevistas foi feita pessoalmente, mesmo aquelas que, pela origem da fonte, me obrigaram ao deslocamento até outro Estado do país, no caso, ao Rio de Janeiro. Apesar dos custos relativamente altos para viagem e coleta dos depoimentos, todo o financiamento do projeto foi de minha responsabilidade.

5.3. Finalização

5.3.1 Projeto Gráfico Editorial

O projeto gráfico da Revista Nise foi criado em parceria com o estudante do curso de design da UNESP Heitor Cury Reis. Apesar de o projeto editorial, as

simbologias das cores e disposição do conteúdo terem sido de minha iniciativa, o estudante colaborou, sobretudo, com a diagramação do produto, e mostrou-se solidário em escutar e acatar novas ideias, sugerindo eventuais alterações pertinentes.

Para baratear os custos de impressão caso a revista possa vir a ser publicada pelo Projeto Tear, e considerando a ausência de incentivos financeiros estáveis que os acomete, utilizamos uma formatação de páginas baseada no tamanho A4, formato comum e acessível sem muitas dificuldades.

O tamanho, um pouco mais amplo que o normal de revistas lançadas pelo mercado editorial, facilita ainda a disposição dos dispositivos narrativos na página e permite a exibição de maior quantidade de conteúdo. Ainda aproveitando o espaço do papel, pudemos explorar disposições mais ousadas, como se pode evidenciar pela presença de espaços brancos entre os textos.

A opção de utilizar esse recurso estilístico deu-se na tentativa de amenizar o fato de que os textos que compõe a publicação são relativamente longos e, em alguns casos, contam com grande número de informações. Para suavizar o fluxo de conteúdo, optou-se por um visual de diagramação com uma leve segmentação. Ao mesmo tempo, em alguns textos foram utilizados boxes, que, ao inserirem um novo eixo dentro do texto principal, contribuem para o dinamismo da leitura, tornando-a mais agradável, leve, e fluida.

Quando às cores, foram utilizados filtros nas fotos para manterem-se próximos à paleta de cores de cada editoria, delimitada pela cor de fonte que a indica. Também foram utilizados grafismos que fazem analogia ao logotipo do Projeto Tear, uma série de pinceladas, entrelaçadas em uma rede. As “pinceladas” foram reproduzidas repetidas vezes nos grafismos que preencher alguns espaços da revista.

A ausência de um sumário justifica-se pelo número relativamente baixo de páginas: trinta e duas. No caso, não sentimos a necessidade de inserir o sumário, já que a intenção é que o público faça a leitura das editorias preferencialmente na ordem em que aparecem na revista.

Igualmente, o número ponderado de páginas reflete o desejo de que o leitor, se assim desejar, consuma todo o conteúdo. A mesma tática foi observada em outras revistas customizadas semelhantes, além do fato de que, segundo pesquisas da área, a maioria dos leitores de publicações “sob medida” tendem a gastar pouco mais de 25 minutos no exercício de sua leitura. Justifica-se, portanto, o número de páginas e os elementos do projeto gráfico que o compõe.

As fotos utilizadas são, em grande parte, vindas de divulgação ou arquivo dos próprios entrevistados, e justifica-se pelo fato de que, ainda estudante, possuo uma câmera fotográfica que produz fotos de qualidade inferior àquelas que me foram oferecidas. Além disso, a existência de centenas de registros fotográficos disponibilizados pelos entrevistados permitiu uma seleção de imagens mais alinhada à linha editorial da revista, resguardando, contudo, os devidos créditos aos autores das fotografias.

5.3.2 Capa

Idealizada por mim e executava pelo estudante de Design Heitor Cury Reis, a capa da revista Nise possui uma série de significações semióticas. A ilustração faz alusão à uma brincadeira do universo infantil conhecida como “Maria-cadeira”, na qual duas crianças, com os braços entrelaçados, reproduzem uma cadeirinha, onde uma terceira se senta e é projetada pelas outras, a simbologia do gesto possui uma forte identificação com os valores que os definem. A partir de uma observação mais analítica da figura é possível associa-la a termos como “solidariedade”, “cooperação”, “protagonismo”, “união”, e ainda “empoderamento”. Apesar de o público integrante do Tear ser formado apenas por adultos, a figura possibilita, também, uma referência ao aspecto criativo de seu ambiente, e não se confunde com uma imagem do universo infantil graças à seleção de cores de cores e sóbrias e próximas à paleta de cores do logotipo do Projeto Tear. Sua forma, entrelaçada, também faz referência à “rede” tecida no logotipo, partindo do mesmo princípio de objetos entrelaçados dando origem a uma nova forma, em mais uma analogia ao trabalho

coletivo e formação de ideais sólidos baseados na potencialização da diversidade.

O uso de poucas manchetes e chamadas partiu do princípio de evitar a sobrecarga de elementos visuais, como feito em outros momentos dentro da revista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de pesquisa, fundamentação e produção do produto Revista Nise foi de grande valia para a minha percepção de um contexto social distinto daquele em que professores e alunos de universidades públicas estão inseridos. Durante todo o processo de elaboração da revista, pude defrontar-me com instituições e pessoas que dedicam às práticas de melhoria das condições de vida de pessoas impossibilitadas de exercerem sua cidadania, algo que por si só já desperta meu interesse.

A Revista Nise, antes de ter delineadas suas diretrizes, nasceu como uma comunicação de objetivo cidadão atrelada ao Projeto Tear. Porém, no decorrer do desenvolvimento do projeto, a proposta de publicação foi amadurecendo sua linha editorial e formando sua personalidade, se tornando uma revista *pela* cidadania e *para* o Projeto Tear.

No campo da prática jornalística, pude aprimorar técnicas de produção, apuração, redação e edição do texto em revista, além de descobrir a potencialidade do campo de *Custom Publishing*, com responsabilidade social, ainda pouco discutida no percurso da graduação.

Por fim, todo o exercício do trabalho de conclusão de curso foi de extrema importância para minha formação enquanto profissional e, mais que isso, enquanto ser humano. Ao final da leitura da Revista Nise, minha intenção é que o leitor sinta, no mínimo, que aquela informação o levou a algum lugar, assim como me senti durante todo o exercício de elaboração. É esse, portanto, o potencial do jornalismo em que acredito. Permito-me, portanto, a depositar no jornalismo a expectativa de seja cumprida

sua função social, e nesse trabalho de conclusão de curso vive uma tentativa de por essa ideia em prática.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: Um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

COSTA-ROSA, **Abílio de. Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica**. São Paulo: Unesp, 2013.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de ética dos jornalistas**

brasileiros. Vitória: FENAJ, 04 de agosto de 2007.

FERNANDES, F. ; BARROS, L. **Comunicação e Solidariedade**. São Paulo: Loyola, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARQUES, José Carlos Marques. **Revistas customizadas: novas possibilidades de comunicação empresarial nos cursos de graduação**. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Goiânia, 2007.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. 4 ed. São Paulo: Ática, Organização Mundial da Saúde. Livro de Recursos Humanos da OMS sobre Saúde Mental, Direitos Humanos e Legislação. Cuidar sim, Excluir não [Internet]. Genebra: Organização Mundial de Saúde; 2005 [acesso em: 10/11/2013]. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/policy/Livroderecursosrevisao_FINAL.pdf.

SAPONARA, Janine (org.). **Comunicar é preciso. Como Ongs podem se comunicar melhor com a imprensa**. São Paulo: ABRACOM, 2005.

SCALZO, M. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: O texto em revista**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1996.

VAZ, Paulo; POMBO, Mariana. **Sufrimento psíquico, mídia e produção de subjetividade: elaboração de um nexos causal**. In: COUTINHO, Eduardo; FREIRE, João & PAIVA, Raquel. *Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

Ventura CAA, Moraes VCO, Jorge MS. **Os profissionais de saúde e o exercício dos direitos humanos por portadores de transtornos mentais**. *Revista Eletrônica Enf.* [Internet]. 2013 [acesso em 02/10/2013] Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i4.19746>.

VIZEU, Alfredo. **A construção social da realidade e os operadores jornalísticos**. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*; Vol. 1, nº 25; 2004 .

VIZEU, Alfredo. **Jornalismo e Representações Sociais: Algumas considerações**. *Revista Eletrônica E-compós*; [Internet] 2004 [acesso em: 06 de setembro de 2013] Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>